

ANNO I.

S. Paulo, 30 de Setembro de 1898.

N. 6

ALBUM

DAS

MENININAS

REVISTA LITTERARIA
E
EDUCATIVA
DEDICADA A'S JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE

DE

ANALIA EMILIA FRANCO

Anno I S. Paulo, 30 de Setembro de 1898 N. 6

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTRARIA E EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO
POR SEMESTRE

PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE

NUM. AVULSO.
Rs. 1\$000

QUESTÕES SOCIAES

Em todos os tempos e em quasi todos os paizes, as classes pobres tem merecido a protecção das leis e os beneficios dos espiritos humanitarios e generosos. No ultimo quartel d'este seculo, em que a lucta sem treguas, o movimento sem repouso da vida moderna de dia em dia mais se accentuam, enfraquecendo o valor dos estímulos ainda os mais energicos, indispensavel é que mesmo a custa do permanente sacrificio das nossas vaidades e ambições, concorramos com a nossa commiseração, com a nossa caridade para confortarmos e socorrermos as victimas do infortunio e da miseria.

O profundo character da sociedade actual é o luxo desenfreado de uns, incrustado na miseria asquerosa de outros.

Os que triumpham passam por entre acclamações entusiasticas, e ninguém tem tempo para indagar se essas glorias foram ou não merecidas. Triumpharam!

Tanto melhor para elles . . . é quanto nos basta. Perante esse estado de cousas crusamos os braços engolfados na monotonia do sentimento habitual, quasi indifferente com que de ordinario contemplamos as questões sociaes.

Não nos illudamos porem com essa tranquillidade apparente, porque este momento de vida torna-se

tanto mais critico, e tanto mais decisivo, quanto é innegavel que a fome, a miseria negra, o tédio e o desespero d'essa cohorte ennumera que vejeta nos lugares de sombras, crêscem e sobem pouco a pouco, á medida que os gosos materiaes vão se tornando a aspiração unica do povo. E' preciso pois affirmarmos bem alto, que o egoismo não é o fim ethico da nossa existencia, e que não precisamos só de riquezas materiaes, mas sim e principalmente da riqueza moral, verdadeira grandeza de um povo. Não podemos deixar de reconhecer, que existem no coração de todos ineffaveis correntes de sympathia social; mas de ordinario sem a unidade ideal e tangivel que as reuna, e faça fructificar, d'ahi resultam os obstaculos invenciveis para tornarem-se effectivos os meios de prevenir e remediar tantos males, que deformam e deslustram a face brilhante d'este seculo.

E' indispensavel porém, que meditemos seriamente sobre as graves condições da nossa vida social, e que tenhamos menos amor ao nosso egoismo e mais affecto ao bem commum.

E se a onda das necessidades cresce indefinidamente, com um rugir longiquo de procella imminente denunciadora de terriveis reivindicacões, a beneficencia christã deve dizer: pobres visto que nascestes justo é que tenhaes e vosso lugar no banquete social e se não ha façamos-lhes, estendendo-lhes uma mão amiga e bemfeitora, fundando-lhes asylos e recolhendo os desvalidos e abandonados: Nos paizes onde a personalidade individual é mais forte, e a unidade nacional mais apertada, vae radiando nos animos mais eminentes o bello amor da humanidade, a doce e divina virtude do altruismo, espalhando as suas aureas beneficencias, com uma dedicacão fraternal como nunca houve por ennumeras associações e auspiciosos institutos de educação, de ensino, de trabalho, de soccorro e de sustento. Entre nós porem as institui-

ções que existem para esse fim, acham-se com raris-
simas excepções em estado quasi embryonario, e
ainda é preciso chamar-se a attenção publica para
o cuidado e apoio que ellas merecem, procurando
os meios de auxiliá-las afim de superarem as difficul-
dades com que luctam. Entre os males que nos
ameaçam, um dos principaes é o abandono em que
a sociedade deixa tantas creanças indigentes, sem
a escola do ensino, do dever e do trabalho.

Esses meninos que é talvez todo o futuro social,
abandonados pelos paes, ou pessoas d'elles encarre-
gadas, iniciam prematuramente á sua carreira no vicio
pela vadiagem, d'ahi passam aos crimes contra a pro-
priedade, d'onde chegam, as mais das vezes, até ao
homicidio.

N'um paiz como o nosso em que a severidade
não é por certo a norma na generalidade das puni-
ções, o abandono em que se os deixa, basta para fa-
zer suspeitar a existencia d'um mal gravissimo, cujas
consequencias a nossa incuria pagará no futuro, cruel
e restrictamente.

E' preciso entretanto descobrirmos um meio sal-
vador para este mal; é melhor prevenir do que cas-
tigar.

« Mas, diz um illustre escriptor, o direito á be-
nificencia não existe allegam, porem sustentam o di-
reito da defesa social.

Os homens associaram-se para defender o corpo
e o dinheiro, mas não associaram-se para defender o
espirito nem a honra! »

Segundo a lei historica, aos espiritos superiores,
incumbe a tutela e a cultura dos seres inferiores, mas
a sociedade ainda não compenetrada d'este dever, não
dá aos meninos desvalidos o ensino nem o trabalho.
E' o mesmo. Da-os de presente á libertinagem e a
essa turba anonyma composto hybrido de miserias e
degradações moraes que já inquietam fortemente a

tranquillidade e a segurança publica. Hoje a nossa sociedade não quer dispor de recursos para a fundação ou custeio de estabelecimentos destinados a corrigir pelo ensino e pelo trabalho aos meninos abandonados e vadios, amanhã quando os chamar ao tribunal de contas, essa mesma sociedade terá de despende sommas fabulosas para o augmento e segurança de tantos carceres quantos sejam capazes de os conter.

Existem entre nós alguns institutos que preenchem dignamente a sua missão ministrando não só o ensino primario, como o intermediario e profissional, carreira e salvação das classes populares. Os resultados beneficos d'esses estabelecimentos em que as crianças affastadas d'aquelles que pela sua falta de conhecimentos ou sua desmoralisação os não pódem educar a experiencia de todos os dias nos demonstra d'um modo evidente.

O mais lastimavel porem, é que esses institutos jazem nas tristes condições de receberem apenas um limitadissimo numero de educandos desprotegidos, em relação aos que ficam abandonados á ignorancia e á indolencia.

Entre os sentimentos que florescem na alma moderna é o altruismo o mais acrisolado e o mais puro; effectivamente nada ha mais sublime de que essa eterna piedade repleta de affectos brandos e suaves, acerca-se dos desvalidos, dos orphãos e de toda essa porção immensa do genero humano que pena nas amarguras do infortunio, e desfaz-lhes as cerrações da indigencia, aplacando-lhes as penurias da vida com auroras de esperanças.

Venham pois tantos espiritos bemfazejos, reunam todos os seus esforços, toda a sua piedade, para que possamos arrancar do seu desamparo tantos menores indigentes, cujos paes não podem, ou não querem custear as despesas de sua educação.

Aqui temos no recinto d'esta capital o **Lyceu do Sagrado Coração de Jesus**, onde se desenvolve

o espirito das crianças, fomentando-lhes o gosto pelas obras uteis, exercitando-lhes o juizo e esclarecendo-lhes a rasão por uma solida educação, bazeada na necessidade do trabalho, que firma e engrandece o sentimento da dignidade propria.

Este instituto que ainda pôde ser tão benefico para o nosso Estado como honroso para aquelles que com sacrificios o protegerem, offerêce na instrucção que alli ministram um cauterio para essa gangrena assustadora da miseria e depressão moral dos menorss abandonados.

O nosso Estado que justamente se orgulha de ter a primazia das ideas generosas, não deve recusar donativos para a conclusão das obras d'esse estabelecimento, que se nos afigura de tão largo futuro.

Façamos um acto de acrisolado e inadiavel patriotismo, empregando o nosso obolo para que elle se distenda de modo que possa amparar, cultivar e tambem preparar, o futuro, de tantas creanças que vegetam languidamente na preguiça.

Os proventos até hoje recebidos por esses illustres educadores, que tão desveladamente desempenham a missão que lhes incumbe, obtendo do povo paulista, com a justiça merecida o preito affectuoso de que são credores, ainda não são sufficientes, para destruir as grandes difficuldades pecuniarias com que luctam.

Confiamos muito nos espiritos generosos e elevados que tanto honram a humanidade, com o bem que fazem, para que auxiliem efficazmente os nobres esforços dos que procuram completar as obras do Lyceu do Sagrado Coração de Jesus, cujas vantagens altamente proficuas são de grandissima utilidade para o nosso Estado, visto que só a educação depuradamente religiosa e moral, firmada no trabalho, é que pode sobredourar os melhoramentos hodiernos, e completar a felicidade publica.

S. Paulo, 1898.

ANALIA FRANCO.

O NOSSO INDIFFERENTISMO

As nações progridem ao influxo das idéas beneficás, e se ha pessoas que tenham direito á nossa sympathia e á gratidão publica, são aquellas que empregam todos os seus esforços no intuito de propagar o progresso e desenvolvimento das luzes, e de tudo quanto pode contribuir para o bem estar da sociedade. Uma das feições características do nosso seculo utilitario e positivo, é um excesso de prudencia e desconfiança que nos vac apagando nos gelos da indifferença a sagrada chamma do enthusiasmo.

As grandes virtudes, as grandes qualidades intellectuaes, as bellas acções já não nos commovem tão facilmente. Tirando de parte muitas excepções brilhantes, que estamos longe de dissimular, na nossa habitual e esterilizadora indifferença, não encontramos esforços ou dedicações que valham, nem idéas que sirvam, nada emfim é sufficiente estímulo para arrancar-nos da inercia moral, especie de doença insidiosa que nos legou a escravidão, e é por isso que as mais das vezes acolhemos com um riso sceptico, que é o cunho característico do nosso gelido egoismo, a quasi todos os propugnadores do bem, a todos que se occupam seriamente das questões do progresso e civilisação do povo. Quantas ideas grandiosas, que brilham apenas alguns instantes com fugitivos clarões, não estiolam ou morrem ao polluto sopro do nosso fatal indifferentismo?

« Infelizmente para nós, diz uma escriptora notavel, a peor adversaria que a mulher tem n'esta lucta suprema de vida ou de morte intellectual é.....imaginem quem?—a propria mulher!»

E, na realidade é essa uma tristissima verdade. Por falta de discernimento, de gosto e delicadeza moral, muitas ha, cuja vida completamente absorvida por pequeninas vaidades, invejas e esperanças mesquinhas, parecem ter os olhos, o espirito e o coração fechados a tudo o que é bom, a tudo o que é sympathico, a todo o que se deveria estimar e animar.

Entretanto nós todas sentimos bem latentes no fundo de nossa alma o amor, a beneficencia, a amizade, e mesmo a precisão de irradiar a nossa existencia por nossas irmãs; porém as incertezas, as fraquezas as paixões e os preconceitos conspiram-se para tolher-nos esses nobilissimos sentimentos, que ainda assim para honra nossa, expandem-se ás vezes até ao supremo heriosmo.

Para que qualquer iniciativa civilisadora transforme-se em realidade, torna-se indispensavel o benevolo incentivo dos que sabem render culto ás grandes idéas, visto que as mais das vezes tem-se de lutar contra as objecções dos espiritos frivolos e parciaes, que se não atrevem a pensar senão como os outros pensaram antes d'elles. Para estes, os propugnadores do bem, não passam de utopistas, aos quaes acolhem com o riso motejador e incredulo dos Democritos.

E' que não se rompe tão facilmente com um passado de seis mil annos.

« O progresso, diz um notavel escriptor nasce da experiencia, e por fraqueza nossa as idéas mais simples são, como pensa Laplace, as que mais costumamos a comprehender. Só o erro pega depressa porque é relativo. A verdade cousa absoluta, nem todos os espiritos comprehendem, e se comprehendem poucos se lhes submettem sem difficuldades e resistencias. Mas não desanimemos com isso. O caso nada tem de extranho, e o mundo inteiro trabalha para se conformar com a natureza. Todos os povos, pois hão de chegar, conduzidos pela mulher, a ultima phase de seu aperfeiçoamento moral. Em que dia não se pode dizer. Uns estão mais atrasados que os outros, e nem todos podem andar pari passu. Tal, como o Brazil que agora nasceu, não poderá chegar com os que lhe precederam na jornada. »

Tenho porém a mais sincera e ardente convicção, de que em nossa cara patria, hão de cahir paulatinamente as peias do obscurantismo, da timidez e do acanhamento que nos envolvem, e que a elevação do nivel intellectual da mulher attingirá em breve esse grão de superioridade a que ella tem incontestavel juz.

Possam os exemplos de tantas heroínas do progresso, excitar-nos os brios, exaltar-nos o espirito amortecido, e fazer enfim com que pensemos seriamente, e trabalhemos com vontade e zelo para adquirirmos a posição que nos compete, formando uma santa liga contra a ignorancia que nos esterelisa e affronta. Ao terminar façamos nossas as palavras de uma illustre escriptora que tanto tem trabalhado em nosso favor. Cumpre-nos esclarecer e desenvolver a nossa razão com todos os principios solidos, com todas as noções positivas; por a nossa influencia directa, ou indirecta ao serviço de todas as causas generosas; manter bem elevado e bem altivo n'esta geral debandada das consciencias, o estandarte do bem e do bello de que nós devemos ser as guardadoras intemeratas.

ANALIA FRANCO.

N'UM SARAU

Bando infeliz de timidias creanças
De frente suavissima e adoravel,
A quem a Sorte, fria e inexoravel,
Trocou de negro as roseas esperanças!

Vinde, erguei vossas mãos tão pequeninas,
A' caridade — essa arvore radiosa —,
A' cuja sombra doce e religiosa
Desabrocham os lirios e as boninas.

Soitae dos corações o hymno sincero,
Que a miseria soluça enternecida,
E beijae tanta mão compadecida
Do vosso inquebrantavel desespero.

Feriu-vos pavorosa a dura Sorte,
Colibris inda implumes sobre o ninho:
Logo aos primeiros passos do caminho,
Na aza vos roçou a aza da Morte.

E' assim a vida! mal ainda a ventura,
Fada de luz, nos illumina a alma,
Inexoravel, tenebrosa e calma
Já no occaso se avista a sepultura.

ALBERTINA PARAIZO.

VICTOR HUGO

Victor Hugo não era um sabio, não era um critico. Era um poeta, um poeta de tudo illuminado fulgurante de imagens vibrando a palavra com o sol vibra a sua luz, enchendo o seculo com a sua grande voz, impondo-se á arte como um revolucionario triumphante subordinando ás suas visões a moral e a politica, instruindo e deslumbrando, deslumbrando mais do que instruindo.

Os personagens de seu drama existiam n'um só exemplar tinha-o elle; da Natureza sabia cousas que ninguem soube antes nem depois.

A Grecia creou o seu Olympto e povou-o de deuses semelhantes a homens; Victor Hugo creou outro, e encheo-o de homens semelhantes a deuses. Mas a mythologia e o romantismo são ainda hoje e serão por muito tempo, talvez os mais bellos e preciosos relevos da immensa perspectiva da Arte!

Na visão amplificado das cousas e na antithese idiologica e sentimental que são o character e o processo do grande poeta, não está somente uma soberba inspiração litteraria está tambem a razão d'aquella bondade sympathica e effusiva, que fez Victor Hugo profundamente amado n'este seculo pela maioria do genero humano. Ah! se não fosse bom não seria genio. Mas foi tudo.

Fundou uma escola de arte e construiu um capitulo de moral!

Combateu a guerra no que elle tem de monstruoso, a miseria no que ella tem de involuntaria, a ignorancia no que ella tem de fatal. Consolou os pobres opprimidos, e puniu com a espada diamantina e flammejante da sua palavra, os tyranos de seu tempo, desde Miguel de Portugal até Napoleão de Sedan!

Para vingár a liberdade e para defender a patria ora foi semi-deus no rochedo de Guernesey, ora homem simplesmente com blusa e kepi no cerco de Paris! Pugnou

convictamente pela inviolabilidade da vida humana quer a hypothese fosse Maximiliano do Mexico quer fosse a condemnação de qualquer miseravel apenas conhecido pelo seu crime!

ANTONIO CANDIDO.

OS FILHOS

A mão destruidora do tempo, qual ferrea lima que tudo gasta, bem depressa vac arrebatando uma a uma todas as nossas mais caras illuções.

A mocidade, os dias de ventura, o amor, tudo esvae-se ao gelido sopro da fatalidade; mas esse sentimento immenso, profundo que tão fortemente faz vibrar as fibras mais delicadas do coração da mulher — o amor maternal, esse resiste a todos os embates, e a todas as vicissitudes, e só a morte tem o poder de extingui-lo. Quantos exemplos admiraveis da mais heroica abnegação, não nos tem dado o sublime amor de mãe?

Com rarissimas excepções, e o que só pôde dar-se em creaturas hybridas, um coração de mulher será mudo e insensivel ao suave imperio do amor materno.

E' o affecto de mãe, fervorosa de ternura diz um escriptor eminente, que estabelece a extremosa sociedade de irmãos, fomentando o amor entre seus filhos.

«O amor de mãe, diz ainda mais além o mesmo escriptor, é o raio mais ardente que se irradia d'aquelle fóco de amor de familia. Ao seu calor levedão-se no coração do filho sentimentos brandos, que não soubera a meiguice d'um pae lá germinal-os.»

Entretanto, cumpre notar-se, que este sentimento vehemente, e alias excessivo no coração de muitas mães, pode tornar-se por vezes funesto não só á boa educação dos filhos, como ainda á sua propria existencia.

Não ha muito tempo, conheci uma mãe, cujo amor extremecido pelos filhos chegára a uma insensatez tal, que cercand-os das mais estolidas e frivolas precauções, longe de contribuir para o seu desenvolvimento á força de cuidados excessivos estrophiava-lhes a natureza physica e moral.

«A mulher, diz um escriptor é excessiva em tudo,» e se nós por uma facil intuição ou mesmo por experiencia propria conhecemos que o excesso é sempre prejudicial devemos restringir e abafar os impulsos de nossa ternura, especialmente quando se trata do futuro e bem estar dos nossos filhos.

Todas as aspirações de uma mãe, resumem-se na felicidade dos seus filhos, e por isso jamais deve ella olvidar, que esta felicidade depende unicamente dos bons sentimentos que lhes forem inculcados.

Quantas vezes para lhes poupar uma pequena contradicção, ou um momentaneo desgosto, não vemos tantas mães, prejudicarem a educação dos filhos, preparando-lhes talvez um futuro repleto de amargores, com a sua culpavel indulgencia ?

Os infinitos thezouros de affectos que encerra o seu coração, não devem cegal-a á ponto de deixar seus filhos na ignorancia, entregues aos seus maus instinctos.

Do seu vivo e puro amor deve tirar ella a força necessaria, para arrastar animosa o sacrificio, que lhe é imposto, quando torna-se preciso corrigil-os. A experiencia de todos os dias nos tem demonstrado, que os filhos mais extremecidamente amados, *les enfants gâtés*, cuja educação tem sido descurada ou estragada com mimos excessivos, são justamente os mais ingratos a seus paes.

Não quero com isto aconselhar a severidade, antes pelo contrario penso como um illustre escriptor quando diz: A virtude risonha acompanha-nos a toda a parte, amolda-se ao tempo, cinge-se as occurencias. Não se impõe, insinua-se; não castiga, seduz.

Se é unicamente á mãe a quem Deus concedeu essa energia extraordinaria e quasi sobrehumana, com a qual pode

velar noite e dia junto ao leito do filho moribundo, prodigalizando-lhe com tanta abnegação, com tanta perseverança, esses assíduos cuidados de todas as horas, de todos os instantes, que não raras vezes os salva da morte, se a mulher repito ainda, que tantos exemplos tem dado de profundo amor, de dedicação completa, se revestisse por vezes d'uma pequena parcella d'essa força, d'essa perseverança, com que sabe acompanhar o filho na dôr, para guiar-lhe os passos na senda do dever, quantos beneficios relevantes não presitaria ella á sociedade?

Fallando relativamente sobre a influencia poderosa da educação da familia, assim se exprime um sabio educador :

« O professor poderá á custa de muito zelo e muito talento, fazer desabrochar nas crianças as melhores resoluções, mas, só por si não poderiam chegar até á profundidade onde assentam os habitos definitivos. Além do continuo exemplo que os paes dão aos filhos, ha entre elles os laços de sangue, isto é, uma relação íntima, energica e continua, que participa do character do pae e da mãe.

E' a familia, emfim, com a sua physionomia, com a sua historia accidentada de mil alternativas, mas sempre cheia de lições e de força educadora, nas suas alegrias e nas suas privações partilhadas em commum, sobretudo na lucta incessante e aspera para conquistar o pão quotidiano ou a abastança do dia seguinte. Que escola será capaz de supplantar esta? Todas as instituições pedagogicas, ainda as mais aperfeiçoadas, são como que artificiaes ao pé d'esta instituição natural, e digna de se denominar divina, se no mundo houvesse alguma cousa divina. »

N'este seculo activo, questionador e positivo, cujos admiraveis progressos nos fazem conceber as mais lisonjeiras esperanças sobre o futuro bem estar dos homens, contrista-nos vêr, quanto é lenta e descurada a educação moral e religiosa da mocidade. A instrucção por si só não basta, precisamos tambem de crenças firmes e consoladoras, que nos suavisem os males da vida, e para que não digamos com razão, o mesmo que dizia um escriptor contemporaneo á respeito da França actual: A incredulidade entrou nas

cousas da terra, como nas do céu: o medico não crê na medicina, o juiz nas leis, o padre na religião, o soldado na gloria, o mancebo no amor: nem sequer os reis já creem na realza; e o desgosto que corroe todas as almas, precipita-as em desesperadas ambições.»

Ao amor maternal, cumpre dirigir a infância de modo a desviar-a d'essa tão lastimavel situação, fortificando-a com as armas poderosas d'uma educação moral e religiosa, profunda e inflexivel ás agruras da vida, e aos embates da impiedade.

São Paulo.

ANALIA FRANCO.

A LAGOA SANCTA

Lagoa do estado de Minas Geraes que fica a quatro leguas ao nord-este da cidade de Sabará.

Suas aguas são crystallinas mas n'ellas não se dissolve o sabão; quando o tempo está sereno vê-se o fundo da lagôa, que é de cor amarellenta. O medico Cialli natural de Roma, analysou em 1749 estas aguas e achando n'ellas açoe vitriolo effeituou curas de um sem numero de affecções cutaneas. Que fonte de prosperidade para o paiz se soubesse tirar proveito d'ella! Em 1830 publicou-se no Rio de Janeiro uma descripção d'esta lagôa, na qual se dizia que tinha meia legua de comprimento e um quarto de legua de largura em 25 palmos de profundidade, e que d'ella manavam varios olhos d'aguas mineraes sempre crystallinas e tepidas.

Quando as aguas estão quedas offerecem na superficie uma especie de pellicula ou teagem côr de aço que se desfaz com a menor agitação e pratea os beiços dos que d'ellas bebem. Um sem numero de pessoas se tem curado tomando-as interiormente ou em banhos.

Abunda esta lagoa em pescado e em certo tempo do anno acha-se coalhada de aves, e verte o superfluo das aguas n'um ribeiro que se junta em distancia de duas leguas no rio Guaicuihi ou das Velhas, pela margem oriental.

DR. CAETANO DE MOURA.

Lenda da Ponte de S. Martinho .

Desde que, na sua fraticida lucta contra D. Pedro o *Cruel*, tinha D. Henrique do Trasmatava mandado incendiar a velha ponte de S. Martinho, andavam inconsolaveis os Toledanos por não poderem, como d'antes ir promptamente colher na fronteira margem do Tejo os productos agricolas de suas herdades — e tanto mais inconsolaveis por isso mesmo que já vezes sem conta se havia tentado a reconstrucção da ponte, e sempre a caudalosa corrente do rio arrastou andaimes e pilares antes de fechados e concluidos os arcos!

Afinal o Arcebispo Tenorio, a quem Toledo immensamente deve por seus constantes beneficios e fundações, mandou deitar pregões por essa Hespanha fóra, convidando architectos para a desejada obra. Breve se lhe apresentou, vindo de longes terras um sympathico moço, que a Toledo chegara acompanhado por sua mulher e que, dizendo-se architecto, se propunha levar a cabo a construcção da ponte.

João do Arévalc se chamava o forasteiro obscuro, porém, e completamente desconhecido, que garantias poderia elle offerecer ao arcebispo de sua aptidão e capacidade para lhe ser confiada a obra?

João de Arevalé cumprometteu-se a que, prompta a construcção, assistiria elle proprio ao tirar dos simples, em pé sobre o fecho do arco central da ponte.

Acceita a clausula pelo Arcebispo, João de Arévale começou na sua tarefa e mezes depois estavam concluidos os trabalhos. A ponte erguia-se imponente e magestosa, arcando com as furias do Tejo.

Faltava só tirar-lhe o complicado immadeiramento de prumas e travezes que a circumscrevia e amparava. Na vespera do dia marcado para essa festiva inauguração andara João de Arévale de um lado para o outro a vigiar se tudo estava em ordem, cantando risonho e satisfeito por vêr que em breve o seu nome voaria nas azas da fama.... quando de subito o canto se lhe suspendeu nas fauces e o riso nos labios. Ao contentamento succedeu-lhe instantaneo um profundo abatimento moral, e, descendo dos andaimes sem dar palavra, entrou em casa, inconsolavel. Perguntou-lhe sua esposa o motivo de tão inesperada magoa: o architecto contou-lhe o caso.

Acabava n'aquelle momento de saltar-lhe aos olhos um pequenino erro de calculo no traçado da ponte, erro de calculo que dava em resultado desabarem-lhe por terra os seus doirados sonhos, como no dia seguinte desabariam tambem os arcos da ponte, ao tirar-lhe os simples em que se apoiavam.

Debalde a esposa lhe lembrou o alvitre de ir ella ajoelhar ante os pés do prelado a supplicar-lhe que dispensasse o marido de cumprir a solemne condição offerecida em tempos por garantia.

— Vida sem honra.... não quero! acudiu o architecto: vida e honra amanhã perderei.

— Honra o vida terás, esposo de minha alma! pensou de si para si a mulher. E deixou deitar-se o marido. E esperou que elle cedendo ao cansaço, adormecesse afinal. Por horas mortas foi-se pé ante pé, sem que ninguem a visse, té chegar a ponte, a cujo immadeiramento communicou intrepida o lume de um fição accêso com que se prevenira, e volveu n'um relance a deitar-se junto do adormecido esposo.

Horas depois, cahiam com medonho estampido os arcos da ponte. Por coincidência descarregara-se n'essa noite sobre Toledo uma trovoada. Toda a gente imaginou ter sido o fogo do céo, que incendiára a ponte; o proprio João de Arévale ficou d'isso convencido e quiz vêr no caso um milagre da Providencia.

E' que a Providencia incarna-se ás vezes n'um doce vulto de mulher. Deste modo poude o architecto recommençar os seus trabalhos, e no anno seguinte inaugurava-se inabalavelmente firme a nova ponte de S. Martinho.

E. PITTORESCA.

A MÃE DE OURO

Nas margens amenas do Parahyba
 Junto a um prado verdejante,
 Ha uma paysagem tão linda,
 Que a vista enleva ao viajante

Entre os primores qu' alli esparge,
 A prodiga mão da natureza,
 Avista-se ao longe uma floresta,
 Da mais esplendida belleza!

E qual niveo sendal de prata
 Atravez do bosque estendido.
 Corre um limpido regato,
 Entre as arvores, meio escondido.

As crystallinas aguas deslizando-se
 Por sobre mimosa relva,
 Soltam brandos murmurios,
 E além s'escondem na selva.

Lá, no extremo do bosque,
 Entre avenidas de palmeiras,
 Vê-se uma branca casinha,
 Circulada por laranjeiras.

E alli, bem perto á porta
 Cresce uma roseira entrelaçada,
 Da qual formára a natureza,
 Sombria e bella latada.

E á sombra, em banco musgoso,
Sentava-se um pobre ancião,
C'o olhar vago, esquecido
E a face pendida na mão.

Dos passarinhos, os alegres trinos
Não despertam o seu scismar,
É ao lindo quadro da natura
Nem sequer volve um olhar.

Mas vêde-o...ergue-se enfim,
E caminha silencioso,
Dirigindo os tremulos passos
Para o rio caudaloso.

Alli chegando na margem,
Pára, e olha fito nas aguas
Como se n'ellas existisse
A causa das suas maguas.

« E' aqui, diz com voz commovida
« Foi neste escuro lugar,
« Onde o rio é mais profundo,
« Que eu a vi expirar.

« Ah! como inda me lembro?
« Era uma noite de luar,
« Quando ella tão léda veio
« N'estas aguas se banhar!
« Como era gentil minha filha!
« Era minha unica alegria;
« No mundo eu tinha só ella,
« Em quem pensava noite e dia!

« Suas alegrias, eram as minhas,
« Até nos folgedos pueris!
« E como me revia tão feliz,
« Nas suas graças infantis?!

« Para ella, quantas venturas
« Na mente eu sonhava?
« Queria-a feliz, rica, adorada,
« Era tudo quanto aspirava!

« Ah! n'aquella noite fatal!
« Ella, aqui desceu tão contente
« A banhar-se descuidosa,
« Alli no meio da corrente!

« Ora nada, ora ella mergulha,
« Ora á tona apparece risonha,
« E no perigo que a ameaça,
« Nem sequer ella sonha !

« Mas, eis que as aguas s'agitam
« E gemem furiosas !
« Erguendo-se em catadupas.
« Se despenham espumosas.

« No seu medonho revolutear
« Formão terrível furacão,
« D'onde s'escapa um ruído,
« Qual o de longiquo trovão !

« De repente, por um encanto,
« Acalma-se o rio furioso !
« E os echos maviosos repetem,
« Ao longe, um canto saudoso !

« Envolta no véo dos cabellos,
« D'um formosissimo louro,
« A' luz da lua, surge
« Nas aguas, a Mãe do ouro !

« Tinha tão seductora belleza,
« E tão fascinante o olhar,
« Que o proprio rio me pareceu
« Em estatico enlevo ficar !

« Ao remanso das aguas s'embala
« Com graça que não vi igual,
« Cantando aquella canção
« De magia sem rival !

« Depois, com sorriso encantador
« Para minha filha se voltou,
« E cingindo-a nos braços.
« N'um amplexo a levou !

« Dei um grito, quiz segui-a :
« Mas preso, ao solo fiquei,
« Sem poder avaliar o tempo,
« Que n'aquelle estado levei !

« Fiz esforços supremos, corri.
« E fui naquelle lugar,
« Onde o rio é mais profundo
« E ainda a vi expirar !

—Findando a triste historia,
Elle sobre uma pedra se sentou,
E curvando a cabeça encaecida,
Alli, amargamente chorou.

Por fim ergue-se, n'um impeto,
Os cabellos arranca ao vento!
E desvairado, com passos incertos
P'ra casa caminha lento!

Aquella filha tão querida,
Que elle assim lamentava,
Fora submergida pelo rio,
Quando na margem brincava.

A sua dôr foi tão intensa,
Qu'a razão se lhe offuscara,
Crendo vêr a Mãe do ouro,
Na corrente qu'a levára.

O viajor que alli passar,
Inda que seja em hora morta;
Se for noite de luar,
Verá o louco na porta!

S. Paulo,

ANALIA FRANCO.

UMA VIDA MODELO

IV

Nesse momento um anjo se lhe apresentou, e disse-lhe « Deus te salve Maria cheia de graça o Senhor é contigo, bendicta es tu entre as mulheres! » A voz do anjo Gabriel tinha uma melodia ineffável e a luz que o aureolava desprendia esplendores desconhecidos.

Maria Santissima estremeceu ao ouvir a inflexão dulcissima do anjo annunciando-lhe que seria escolhida para mãe de Jesus a quem chamaria Filho de Deos por virtude do Altissimo.

Submissa á determinação Divina, inclinou-se respondendo ao mensageiro celeste: « Eis a serva do Senhor faça-se em mim segundo a sua vontade. »

O anjo Gabriel desapareceu e o Verbo fez-se carne para habitar entre nós. Pela mesma revelação do anjo soube também ser de agrado de Deus que deveria ir visitar a sua prima S. Isabel, a qual achava-se já em adiantado estado de gravidez. Acompanhada por seu esposo partiu de Nazareth para ir á cidade de Judá que estava situada nas montanhas da Judéa, junto ao fonte do rio Sorec duas leguas distante de Jerusalem.

S. Zacharias, esposo de S. Isabel, tinha a sua casa no mesmo sitio onde ainda hoje se conservam os vestigios d'uma antiga igreja mandada construir por S. Helena.

Elle possuia assim n'esta cidade como na de Hebron oito leguas distante de Jerusalem muitas casas e fazendas, onde se refugiou com sua familia durante as persiguições de Herodes.

A jornada que os santos peregrinos encetaram era longa e penosa, por serem os caminhos asperos e fragozos, não offerecendo então nenhuma commodidade aos viajantes. Tendo por vezes de passarem a noite em grutas, e viajar penosamente, ora subindo despenhadeiros, cortados por penhascos altissimos, verdadeiros precipicios, onde só a pé podiam transitar e ainda assim com muito risco; ora percorrendo um areal ardente que comprehendia muitas leguas quadradas, ou por entre terrenos baixos alagadiços e insalubres. Estas fadigas e perigos não podiam entretanto diminuir a fortaleza dos santos peregrinos, os quaes muitas vezes depois de terem percorrido um labyrintho de caminhos tortuosos que parecia sem sahida, subindo em pontos ás vezes quasi inacessiveis, viam de subito alargar-se-lhes o horizonte descobrindo prespectivas novas, as quaes formavam um agradável contraste com a monotonia das planicies aridas, e avistavam regiões mais formosas onde por toda a parte corriam aguas crystallinas, e ostentavam-se arvores vergadas com o peso das fructas; campos sorridentes com grupos de colossaes arvoredos, sob cuja sombra abrigava-se pacificamente grandes rebanhos de ovelhas.

Apos quatro dias de fatigante jornada chegaram á cidade de Ain, onde S. Zacharias residia com a sua familia.

A casa era vasta e bem arejada, formando um encantador retiro, não só pela suavidade de natureza que o rodeia, como pelas sombras profundas das matas que envolvem a morada d'um oceano de verdura. Por todos os lados se respira a atmosphera limpida e sadia impregnada de balsamico perfume das arvores odoríferas, e da fresca amenidade da hera macia que s'enrosca pelas janellas com a sua verdura suave.

S. Isabel que já estava prevenida da vinda de sua prima, encaminhou-se com parte de sua familia, ao seu encontro. Maria Santissima dirigiu á prima a costumada saudação. Ao ouvir aquella doce voz d'um timbre ineffável S. Isabel inspirada pelo Espirito Santo exclamou: « Bem-dicta és tu ó Maria entre todas as mulheres, e bento é o fructo de teu ventre!... E d'onde mercei eu que a Mãe de meu Senhor me viesse visitar? Pois logo que chegou aos meus ouvidos a vóz de tua saudação senti em mim exultar a criança com jubilo. Bemaventurada és tu que crestes, porque em ti se cumprirá perfeitamente tudo quanto Deus te disse. »

Maria Santissima na sua adoravel humildade respondeu com o cantico sublime da Magnificat attribuindo unicamente á misericordia de Deus todas as maravilhas e graças que d'elle havia recebido.

— A minha alma engrandece o Senhor e meu espirito se alegrece em Deus meu salvador porque poz os olhos na sua humilde serva, e de hoje em diante eis que me chamarão bemaventurada, porque obrou em mim grandes maravilhas e é Poderoso e santo o seu nome.

Sua misericordia se estende de geração em gerações sob os que o temem, manifestou o poder do seu braço, prostrando os soberbos depondo os poderosos, e elevando os humildes. Os famintos encheu de bens, os ricos deixou pobres, alçando a Israel seu servo, lembrado de sua palavra, assim como promettera a nossos pães Abrahão e á sua descendencia. »

(*Continúa*)

A FRANCO.

A FILHA ADOPTIVA

Partiram finalmente sendo acompanhados em grande parte do caminho por Anezia e sua pupilla, as quaes regressaram chorando para sua casa, e allí ainda encontraram maior motivo de tristeza vendo Roque e sua mulher, sentados á soleira de casa a chorarem amargamente com a cabeça escondida entre as mãos.

Anezia abafando as suas proprias saudades, empregou todos os meios para consolar Cherubina e os velhos escravos, o que conseguiu graças aos seus esforços.

Entretanto succediam-se os dias e quasi que se não passava um só correio, sem receberem cartas, dos seus queridos ausentes.

Eram horas essas de verdadeira alegria. Amas e servos sentavam-se sobre a mimosa relva do jardim, e allí Cherubina lia as cartas, tendo de repetir a leitura duas ou mais vezes, para contentar a curiosidade dos velhos escravos, cuja intelligencia um tanto obscura custava a comprehender uma ou outra expressão menos clara.

Todos os annos Jorge e sua familia, passavam as férias na fazenda, e durante esse tempo revivia-se toda a alegria dos moradores do sitio do Laranjal.

Traziam as crianças muitos presentes ás suas amigas, e nem os escravos eram esquecidos. Nas bellas e amenas tardes de verão sentados no jardimzinho de Cherubina, as crianças communicavam as suas tristezas e pezares, suas saudades, os progressos que faziam nos seus estudos, e os divertimentos que tinham visto na Corte.

Era de ver-se a religiosa attenção com que os seus amigos os escutavam, chorando com as suas tristezas, e rindo-se com as suas, alegrias. Quando de novo regressavam ao Rio de Janeiro sentiam que a dor da separação, era sempre mitigada pela doce esperanza de tornarem-se a vêr.

E isto invariavelmente acontecia todos os annos.

Quando Cherubina completou 15 annos tornou-se tão bella e sympathica, que causava a admiração de quantos a viam. O que mais contribuia para realçar-lhe a formosura e graças naturaes, eram as suas amaveis virtudes. Nunca se esquecia dos seus deveres para com Deus e para com aquella que se constituiu sua mãe.

Na terra onde repousavam os entes caros ao seu coração não deixava crescer uma só herva má. Os parcos recursos dos trabalhos de suas mãos eram distribuidos pelos pobres que a sua piedade soccorria. Visitava-os com sua mãe, cuidando d'elles nas suas enfermidades. Quando regressava á casa coberta das benções dos infelizes a quem espargira o bem, retomava as suas occupações quotidianas com a alma tranquilla e feliz.

Logo que Agenor concluiu os seus estudos, manifestou a seus paes a resolução em que estava de esposar a sua prima. Os paes approvando a escolha que havia feito, ponderaram-lhe entretanto a difficuldade de resolver Cherubina a deixar a vida agreste do sitio, para vir á cidade educar-se como convinha á esposa do filho d'um rico titular.

Aurea prometteu a seu irmão que empregaria todo o valimento de sua amizade para resolver Cherubina a vir educar-se como ella.

Ao voltarem esse anno á fazenda, Aurea, confidenciou a Cherubina os projectos do irmão, o consentimento de seus paes, sob a condição d'ella deixar o sitio para ir á capital receber uma instrucção mais brilhante, afim de satisfazer ás exigencias da sociedade aristocratica com quem ella tinha de conviver, desde que esposasse Agenor. Ainda que Cherubina estremeidamente amasse ao primo não podia comtudo resolver-se a deixar aquella que fora sempre a sua unica protectora na terra. Só a idéa de separar-se de Anesia, a fasia estremecer.

Bem sabia que ella a não poderia acompanhar, não só pela idade, como muito mais ainda pelos seus encommodos de saúde, que lhe não permittiam tomar outros habitos diversos, da sua existencia mediana, simples e soccgada.

Anesia, porem tudò comprehendera, e não duvidando do affecto de sua pupilla por Agenor, apezar da angustia immensa, que lhe causaria a separação d'aquella que era toda a sua alegria, instava com Cherubina, para que partisse satisfazendo assim, os votos de seu coração e os desejos dos seus amigos. A joven a escutava indiceisa porque se amava ao primo com todas as veras de sua alma, não era menos o affecto que consagrava a Anesia e aos amigos fiéis, que escondiam cuidadosamente as suas lagrimas, com receio de que á vista de sua dôr, ella renunciasse a partida, sacrificando assim por elles a felicidade de toda a sua vida.

(Continúa)

ANALIA FRANCO

NOTAS UTEIS

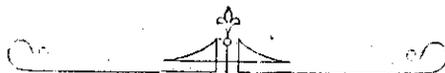
De todas as localidades de França accorriam orphãos para os estabelecimentos recolhedores e educativos que já não podiam receber mais. Havia-os ás centenas, quasi a morrer á fome nas casas, nos palheiros, nos sotãos da povoação. Um policia acabava de encontrar um pequenino sumido n'um cano, que andavam concertando. *O Figaro*, o estupendo jornal de todas as dores e de todas as alegrias lançou um brado á França. Responderam-lhe dez mil vozes e trezentos mil francos, não mencionando as immensas e variadas subscripções em especies.

Foram publicadas por aquelle jornal em supplementos successivos, sete enormes listas. A duqueza figurava ao lado da humilde viuva, ao lado do senador escrevia o operario o seu nome. O que sobretudo entenece é o grito expansivo de cada um dos dez mil corações, de que não posso senão dar amostras:

- A. E. — As minhas economias, 1 franco e 10 centesimos.
- Um avô, pelo bébé que está para nascer, 3 francos.
- Uma pobre mãe, 2 francos.
- Um egoista que se deixou vencer pela caridade, 5 francos.
- Sou uma triste professora; não tenho de meu senão este alfinete de peito; fasei d'elle o que poderdes.
- Como vosso adversario, *Figaro*, combato-vos; como proprietario, aborreço-vos; mas ahí tendes para os vossos orphãos, e que o diabo vos leve.

E os orphãos foram todos recolhidos, e o immenso soccorro particular salvou heroicamente a fundação particular.

Todas as reclamações relativas a esta revista devem ser dirigidas á rua de S. João, n. 160.



Esta Revista que se publica uma vez em cada
mez, será distribuida gratuitamente a todas as es-
colas publicas do sexo feminino deste Estado.

